

## Os Fenômenos de Assimilação das Ideologias Dominantes: Enfrentamento Artístico

Marcelo Rocco Gasperi

Marcelo Rocco Gasperi  
Doutor, orientado por  
Mariana Lima e Muniz.  
Professor Assistente na  
Universidade Federal de  
São João del-Rei -UFSJ e  
Diretor Teatral.

O presente texto fará uma breve análise acerca do fenômeno de assimilação das ideologias culturais dominantes como parte do embasamento das relações culturais, cujas produções estéticas são constantemente afastadas do cidadão. Esclarecendo melhor este pensamento, pode-se dizer que o cidadão recebe sinais regulamentados a partir de uma demanda hierárquica, muitas vezes institucionalizada, dando continuidade à reprodução destes sistemas. Sendo assim, o objetivo do presente texto, entre outros pontos, será o de refletir sobre o cidadão que não aparece em grandes instâncias como produtor legítimo das ações do cotidiano, sendo colocado, muitas vezes, na função quase que exclusiva, de consumidor. Para isto, foi realizado um pequeno levantamento bibliográfico acerca do conceito de “cotidiano”, analisado por Certeau (1998), bem como a noção de discurso, elaborada por Foucault (1999), entre outros autores secundários. O texto ainda traz em contraposição a este fenômeno, breves noções de intervenções urbanas como possibilidades reais de enfrentamento diante dos discursos enraizados de poder.

**Palavras-chave:** Poder. Exclusão. Enfrentamento. Cotidiano. Intervenções Urbanas.

Assimilation of the  
phenomena of Ideologies  
Dominant: Artistic  
confrontation  
Marcelo Rocco Gasperi

This article will give a brief analysis about the phenomenon of assimilation of the dominant cultural ideologies as part of the foundation of the cultural, aesthetic whose productions are constantly away from the ordinary citizen. For clarification this thought, we can say that the ordinary citizen receives signals regulated from a hierarchical demand often institutionalized, continuing thus the reproduction of these systems. Thus the objective of this text, among other things, will be to reflect on the citizen who does not appear in large bodies as legitimate producer of everyday actions, being placed, often in the function almost exclusively of consumers. To this was done a little literature about the concept of “daily”, coined by Certeau (1998) and the notion of discourse, developed by Foucault (1999), among other secondary authors. The text also brings in opposition to this phenomenon, urban interventions artistic nature as real possibilities of coping before rooted discourses of the power.

**Keywords:** Power. Exclusion. Confrontation. Daily. Urban Interventions.

## Introdução: Os Fenômenos de Assimilação das Ideologias Dominantes

A construção discursiva das cidades contemporâneas é pautada, em parte, em um intenso processo de espetacularização da vida (DEBORD, 2003), na configuração de interesses econômicos e políticos, embasados pelos critérios de competitividade (CERTEAU, 1998). Tais critérios estabelecem vínculos a partir do intercâmbio entre produtos mercadológicos, em que os reconhecimentos simbólicos de pertencimento a determinados grupos são regulados, entre outros fatores, por enunciados exclusivistas (BAUMAN, 2007).

Os pressupostos da sociedade de consumo fragilizam a capacidade de debate crítico nas cidades, favorecendo os mecanismos de privatização dos espaços públicos, que, na verdade, deveriam ser mais pensados para o bem comum (BAUMAN, 2007). Apesar dos avanços políticos conquistados nas últimas décadas pela sociedade brasileira, há certos grupos que disputam privilégios a partir de discursos hierárquicos que institucionalizam a vida humana em demasia. Tais grupos<sup>1</sup> ger negam, em diversos âmbitos, o fortalecimento da democracia, privatizando parte do ambiente urbano (SOUZA, 2011).

Os “mantenedores” dos discursos de exclusividade, amparados pelos sistemas de poder, setorizam verbas públicas para interesses próprios, na configuração distorcida de cidadania. Isto gera um discurso “naturalizado” de injustiça social, cujas razões de sucesso ou de fracasso da vida de um cidadão são apontadas como exclusiva responsabilidade individual, ou seja, como consequência da meritocracia. Alheios ao debate democrático, os discursos de poder transformam as vozes antagônicas ao seu poderio em falas indesejáveis, ambicionando torná-las obsoletas (FOUCAULT, 1999).

No planejamento atual das cidades, os corpos que não se enquadram nas relações de consumo, são sistematicamente vigiados, na tentativa arbitrária de afastamento dos mesmos de lugares elitizados. As noções de insegurança, de medo da sociedade ao que parece ser estranho, neste caso, “o outro”, regam a indiferença e o apagamento de certas identidades, na construção de fortificações, tais como os “shoppings centers” e os “condomínios”, cujo fim é dar a abstrata sensação de segurança (BAUMAN, 2007). Neste sentido, a tentativa de monopolização dos corpos nas cidades para a consequente contenção de quaisquer impulsos que sejam alheios à sociedade de consumo, visa transformar os

<sup>1</sup> De acordo com as leituras das obras de Bauman, Certeau, Debord, Foucault e Souza (que serão apresentadas mais à frente), pode-se fazer uma interpretação genérica de que os grupos a quem os autores se referem são os grupos políticos que detêm os poderes (legislativo, executivo e judiciário), como também as famílias que controlam as mídias em várias instâncias, e, por último, as demais elites financeiras que patrocinam os dois primeiros grupos para interesses próprios.

espaços de convívio em lugares pasteurizados (BAUMAN, 2001). Na medida em que mais corpos saem deste regime de controle, maior a sistematização da violência institucionalizada a fim de remodelar os comportamentos humanos. Tais enquadramentos buscam alterar a identidade dos cidadãos, bem como as suas relações com as comunidades em que vivem, alterando as perspectivas locais e globais de se ver o mundo (GIDDENS, 1995).

Em tal conjuntura, as cidades criam condições contrastantes em seu cotidiano, regularizando a vida dos seus habitantes a partir do ideário de “bom uso da urbe”, cujos conteúdos são, muitas vezes, hierárquicos, obscuros e, sobretudo, pautados nas esferas do capital. Segue-se a constituição das relações sociais a partir de demandas econômicas, cujas características tendem a criar o sentido de pertencimento a determinados cidadãos e significados de exclusão a outros habitantes que não se percebem como sujeitos participantes no uso de determinados espaços. Nesta estrutura, há a passagem da exteriorização de determinadas regulamentações para a interiorização destas na vida dos cidadãos comuns, transformando determinadas ideologias em práticas rotineiras, cujas noções de desigualdades sociais são sistematicamente transformadas

em sintomas naturais da civilização, quase biológicos, nas assimilações de códigos repetidos maciçamente para impossibilitar sua crítica em larga escala (CERTEAU, 1998).

Para serem transformadas em *habitus*, tais práticas operam dentro das noções acerca de discurso, na institucionalização de determinados enunciados para o obscurecimento de outros. O ato de apropriação da fala discursiva dos sistemas hierárquicos pelos diversos habitantes das cidades possibilita a continuidade da engrenagem das esferas do lucro, em uma espécie de colonização moderna (CERTEAU, 1998). Sobre estes aspectos, Foucault (1996) descreve que os discursos inventados por uma elite atuam na tentativa constante de se tornarem falas irrevogáveis. Os discursos operam a partir de procedimentos de exclusão, selecionando, editando, recortando o que deve vir a público e o que deve permanecer invisível. Nesta ordem, o que vêm a público são pensamentos padronizados, assépticos, cuja permanência parte da atualização cotidiana dos seus enunciados. O que fica escondido circula em discretos grupos, cujas preocupações são a manutenção desses sistemas de exclusividade e a coerção dos cidadãos para a aceitabilidade das extensões discursivas.

Nesta estrutura social, obviamente não

exata, operam códigos contrários aos sistemas discursivos hegemônicos, mobilizando parte da população que deseja garantir direitos na dimensão simbólica das cidades. Nesta perspectiva, determinados cidadãos ou grupo de cidadãos almejam utilizar as cidades como fenômenos culturais multifacetados, na contramão da uniformização urbanística que se apresenta na dinâmica atual. Com o surgimento do descontentamento social frente às demandas postas, há a busca de melhores padrões de vida, por maiores condições de habitar as cidades, caminhando além do plano previamente estabelecido por uma minoria. É neste complexo contexto que nascem as lutas diárias como formas de oposição às matrizes hegemônicas das urbes, constituindo embates decorrentes do processo de exclusão de uma maioria.

### **As insubmissões, os atravessamentos, o enfrentamento**

Os processos civilizatórios de diminuição das subjetividades em prol de uma tendência de massificação favorecem, sem querer, embates em proporções variáveis, gerando comportamentos polarizados, na luta de indivíduos ou grupo de indivíduos por direitos iguais e por maiores acessos à cidade

(CASTELLS, 2013). Tais indivíduos e/ou grupos buscam alterar os olhares sobre as cidades a partir da assimilação de novos critérios de vida, na adoção de práticas de compartilhamento de ideais, cujos resultados podem ser experiências estéticas e reflexivas sobre o entorno das urbes.

Entre as possíveis manifestações públicas de enfrentamento aos discursos persuasivos, pode-se pensar nas intervenções artísticas nas ruas e em demais espaços públicos como possíveis fabricantes de novos sentidos para os lugares sedimentados pelos sistemas de poder, como mais uma opção frente ao neoliberalismo. As intervenções urbanas como forma de ocupação espacial tentam, em parte, dar voz às múltiplas identidades que aparecem na sociedade, mas que, geralmente, assumem a função de consumidoras dos sistemas previamente descritos. Isto significa que as intervenções, como formas de incorporação do cotidiano, atuam além da utilização da urbe para os fins mercantis, mas na lógica de um fluxo cotidiano mais criativo, decorrente da sociabilidade.

Pode-se pensar assim, na valorização de partes das cidades pautada nas inter-relações entre os cidadãos, reconhecendo a arquitetura do eixo urbano além do viés histórico e da supervalo-

rização imobiliária, mas a partir da exploração de novos códigos advindos do sentimento de pertencimento dos cidadãos aos seus nichos sociais. Então, entre várias possibilidades de tomada das cidades, as intervenções artísticas atuam nos eixos urbanos como desconstrução de certos símbolos de poder e de uso da urbe, para o entendimento da cidade como fonte sensibilizadora, calcada na valorização dos processos de criação nos espaços públicos.

### Considerações finais

Mediante as questões apresentadas, pode-se dizer que o cotidiano aparece no fenômeno urbano a partir das relações entre os seres, na feitura de ideologias que se interpenetram a partir dos conflitos constantes entre os ditos “fortes” e “fracos”. Os “fortes” aqui foram apresentados como sujeitos que detêm a produção de discursos, garantindo-lhes privilégios e alastrando seus interesses ao restante

da sociedade. Logo, os fracos são vistos como “consumidores” das alocações hierárquicas propagadas em larga escala, aparecendo na última fase da produção enunciativa, ou seja, a maior parte da população. Foucault (1996) afirma que toda a cultura elabora a vida em sociedade a partir do embate entre os sistemas de ideias, cujo enfoque está na tentativa de convencimento e até da imposição de determinados enunciados sobre outros.

Neste contexto, as cidades são reconhecidas a partir dos imaginários demarcados pelo poder, difundindo conceitos construídos historicamente, e, dados ao longo dos anos, como matrizes naturalizadas para o “bem-viver” em sociedade. Em contraposição ao ideário de poder, pode-se dizer que o tecido urbano passa a ser descrito por encontros, como também por confrontos reconhecidamente dados como conjuntos de experiências diárias, atravessando, assim, os cidadãos nos âmbitos públicos e privados de suas existências (LEFEBVRE, 2008).

### Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- \_\_\_\_\_. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1995.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições, 1999.
- LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Moraes, 2011.
- SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.